



Leandro Figueiredo

NÉVOA INSOLVENTE

João Jarbas Damasceno

Bioquímico e farmacêutico. Foi vencedor, por dois anos consecutivos, do Concurso de Poesias promovido pela Universidade Federal de São João del-Rei. Participou do Concurso Raimundo Corrêa, no Rio de Janeiro, tendo seu poema publicado no livro Poetas brasileiros de hoje.

Que podemos guardar
em memória falha
que de desvanecer-se
que é o estar
se talha.
Ou persistir-se fome imemorial.

Venenos de beijos,
serenos de estrelas,
tudo se vai com a fúria de nós.

Onde? O acabado menino,
a quem um terreno de mato,
de bastar assombrava
e que vida não bastou.

Apenas talvez sentimentos de soslaio,
por empréstimo ou a granel.

O vento, som de alguma esquina constante.
Certa noite ou transmutado pedaço
fragmento de purpurina
aderido a alguma parte autônoma da alma.

Nem lembro-me se assim foi a lembrança...
Mas posso vago e certo dizer
do haver duma madrugada,
e uma tempestade.

Então cai a chuva,
não a tormenta,
leve roçar.
Carícia de brisa,
Dádiva, delícia. Manjar.
cheiro acre de poeira,
Pétalas soltas, folhas caídas
do vento derivar.
Pequenos jatos translúcidos
aderem saias de morim.
Transmutam silhuetas, emoções,
sonháveis estátuas,
diafania de intimidade carmesim.

Orvalham doces, rostos risonhos,
macias nuances, colos de jasmim.
Vaguem emoções sem tempo,
de comum da noite, aos subterrâneos,
aos cimos.

Rutilem relances, relâmpagos...
Pérolas decíduas de mangueiras eternas,
céu debulhado, mimos.
Erra noite, em meu ser!

Os muros se alongam,
a rua mais iluminada.
Varanda
grande
de pedra quadrada.

Dorme, oh noite, dorme!
Ressonares tranqüilos.

Casas fechadas, portas molhadas,
Janelas do império.
Cortinas, corridas,
doces, (intangíveis) mistérios.

Noites caladas, ecos,
pés migrantes.
Espaço aberto, espírito,
peito liberto.

Corpo leve,
frente cingida-louros furtados-
aurora breve.

Alma orvalhada,
vontades pungidas.
Rastros descalços,

saudades compridas.